



## V ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA (V EBE)

Caderno de Resumos

(ISSN: 2526-740X)

Outubro / 2022

## Ficha catalográfica

(Espaço reservado para a ficha catalográfica em produção)

### **Comissão Organizadora**

Anderson Nowogrodzki da Silva (NELIM/GEPL)

Djiby Mané (UnB/GEPL)

Genis Frederico Schmaltz Neto (UniFANAP-GO/GEPL)

Gilberto Paulino de Araújo (UFT/GEPL)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

### **Comissão Científica**

Alexandre Timbane (UNILAB)

Davi Borges de Albuquerque (SEED-SE/GEPL)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM/GEPL)

João Nunes Avelar Filho (UEG/GEPL)

Kênia Mara de Freitas Siqueira UEG/GEPL

Lorena Araújo de Oliveira Borges (UFAL)

Lutiana Casaroli (UFG/NELIM)

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/GEPL)

Maria Ivone Alves da Silva (UFRR/GEPL)

Mario Luis Monachesi Gaio (GEPL)

Roberta Rocha Ribeiro (UFG)

Ronaldo Mangueira Lima Júnior (UFC)

Samuel de Souza Silva (UFMS/NELIM)

Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNEB/GEPL)

Zilda Dourado Pinheiro (UEG)

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. PROGRAMAÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>3. RESUMOS .....</b>	<b>11</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

O V Encontro Brasileiro de Ecolinguística (V EBE) tem por objetivo divulgar os avanços científicos nos estudos que relacionam linguagem e meio ambiente, relação estudada pela Ecolinguística, inclusive a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica/Ecolinguística (ADE). Enfim, qualquer abordagem aos fenômenos da linguagem que parta da Ecologia, da visão ecológica de mundo, será bem-vinda.

Foram bem-vindas contribuições em áreas como Teoria Ecolinguística, Ecolinguística Crítica, Ecologia das Línguas, Ecologia do Contato de Línguas, Ecolinguística e Etnociências, Ecolinguística e Ensino de Línguas, a questão da metodologia na Ecolinguística, entre outros estudos em áreas conexas que contemplem a relação entre língua e meio ambiente.

Tudo isso no âmbito da exoecologia linguística (exterioridade de linguagem), mas a Ecolinguística não deixa de lado a endoecologia linguística, ou seja, questões que na tradição linguística são chamadas de estruturais, mas sempre da perspectiva ecológica. Algumas questões semânticas e de formação do vocabulário já vêm sendo abordadas, por exemplo, nas áreas da Toponímia e da Etnoecologia Linguística.

O V Encontro Brasileiro de Ecolinguística (V EBE) é uma realização conjunta do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), com a colaboração da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A realização do V EBE mostra que os encontros e a Ecolinguística em geral já estão consolidados no Brasil. Já se pensa inclusive em um Congresso Latino-Americano de Ecolinguística (CLAE).

A atualidade da discussão sobre a relação que o ser humano estabelece com o meio ambiente também entra como importante justificativa para esse evento, dada a efervescência nos estudos sobre a natureza e a relação entre o ser humano e o seu meio natural, mental e social.

Desastres ecológicos como os de Mariana e Brumadinho, as enchentes torrenciais, os incêndios florestais ao lado de secas de longa duração mostram que os linguistas também podem contribuir para um debate que tente direcionar a sociedade no sentido de sanar esses problemas.

Esperamos que durante os três dias de reunião do V EBE provoquem intensas discussões entre estudiosos de questões linguísticas relacionadas ao meio ambiente vital.

O V EBE deveria ter acontecido em 2020, pois, como decidido no I EBE, na UnB em 2012, ele se realizaria de dois em dois anos. Infelizmente, porém, sobreveio a pandemia do coronavírus, subvertendo tudo que se vinha fazendo. O transtorno dessa pandemia arrefeceu os ânimos a tal ponto que sequer se pensou em realizar o V EBE remotamente em 2020. Esperamos recuperar o tempo perdido no presente encontro de 20 a 22 de outubro de 2022.

A Comissão Organizadora

## 2. PROGRAMAÇÃO

### 20 DE OUTUBRO DE 2022 (QUINTA-FEIRA)

Link de acesso para todos os dias do evento:

<https://conferenciaweb.rnp.br/conference/rooms/eventos-academicos-cientificos/invite>

8:00 – 8:20 Sessão de abertura: **Rosineide Magalhães de Sousa** (Coordenadora do PPGL/UnB)

8:20 – 9:20 / Palestra de Abertura:

- ✓ **Teresa Moure** (Universidade de Santiago de Compostela, Galiza): *Húmus: Eco-linguagens na época do colapso*

9:20 – 9:30 Intervalo (preparação para as sessões de comunicação)

#### 9:30 – 12:00 Sessão de comunicações (20/10 – matutino)

Horário	Tema	Participante(s)
9:30 – 10:00	POR UMA GRAMÁTICA ECOSSISTÊMICA DO PORTUGUÊS	* Hildo Honório do Couto
10:00 – 10:30	USOS DE PREPOSIÇÕES POR FALANTES DE ITALIANO COMO LÍNGUA MATERNA NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL	* Stephanie de Carvalho Guerra * Elza K. N. Nenoki do Couto
10:30 – 11:00	NÃO ME CHAME DE SACIZEIRO: O SENTIDO DAS PALAVRAS NOS CRIMES DE LINGUAGEM À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA	* Tadeu Luciano Siqueira Andrade
11:00 – 12:00	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

- Intervalo para almoço: 12 h – 14 h

**14:00 – 17:30 Sessão de comunicações (20/10 – vespertino)**

Horário	Tema	Participante(s)
14:00 – 14:30	VIVÊNCIAS E DESAFIOS RELATADOS POR <i>YOUTUBERS</i> E IMIGRANTES VENEZUELANOS/AS NO BRASIL: UM ESTUDO SOB A LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA	* Erick Samuel S. Thomas * Elza K. N. Nenoki do Couto
14:30 – 15:00	O DISCURSO EUCLIDIANO ACERCA DA GUERRA DE CANUDOS: UMA INTERPRETAÇÃO ECOLINGUÍSTICA DE FONTES HISTÓRICAS	* Maria Rosileide B. de Carvalho * Luiz Paulo Almeida Neiva
15:00 – 15:30	O AGRO É POP, O AGRO-É-TÓXICO: ANÁLISE ECODISCURSIVA DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA O “AGRO É TUDO”	* Samuel de Sousa Silva
15:30 – 16:00	MARIANA E BRUMADINHO: VOZES DE VÍTIMAS E JUSTIÇA NO DESASTRE AMBIENTAL DE MINAS GERAIS	* Shirley Maria Batista
16:30 – 17:00	OS ESCRITOS PÚBLICOS FRONTEIRIÇOS: UM ESTUDO DA PAISAGEM DA FRONTEIRA OIAPOQUE-SAINT-GEORGES A LUZ DA ECOLINGUÍSTICA	* Jamille Luiza de Souza Nascimento * Kelly Cristina Nascimento Day
17:00 – 18:00	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

**21 DE OUTUBRO DE 2022 (SEXTA-FEIRA)**

8:00 – 9:00 / Palestra convidada

- ✓ **Lorena Araújo de Oliveira Borges** (UFAL/NELIM/UFMG): *Os sentidos da natureza: Implicando os saberes decoloniais nos estudos ecolinguísticos*

9:00 – 9:10 Intervalo (preparação para as sessões de comunicação)



**9:10 – 11:40 Sessão de comunicações (21/10 – matutino)**

Horário	Tema	Participante(s)
9:10 – 9:40	A GEOMORFOLOGIA E A HIDRONÍMIA ECOLINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE: A LÍNGUA E O MEIO AMBIENTE EM DEBATE	* Alexandre António Timbane
9:40 – 10:10	OS NOMES DO BRASIL: UMA PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA	* Kênia Mara de F. Siqueira * Cleber Cezar da Silva * Eduardo de Freitas Siqueira
10:10 – 10:40	A TOPONÍMIA “HÍBRIDA” DE GOIÁS: TUPI E PORTUGUÊS NA FORMAÇÃO DOS LOCATIVOS GOIANOS	* Ana Maria Pereira Santos * Kênia Mara de F. Siqueira
10:40 – 11:40	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

➤ Intervalo para almoço: 12 h – 14 h

**14:00 – 17:30 Sessão de comunicações (21/10 – vespertino)**

Horário	Tema	Participante(s)
14:00 – 14:30	A INTERAÇÃO FICCIONAL PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: UM ESTUDO DE FÁBULAS	* Mayara Macedo Assis * Zilda Dourado Pinheiro * Elza K. N. Nenoki do Couto
14:30 – 15:00	“O MESSIAS É O ESCOLHIDO!”: UM PANORAMA DO ECOSSISTEMA ESPIRITUAL BRASILEIRO EM MEIO ÀS ELEIÇÕES	Genis Frederico Schmaltz Neto
15:00 – 15:30	LÍNGUA DE SINAIS, LINGUAGEM E ECOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES EXOECOLÓGICAS E ENDOECOLÓGICAS	* Elisangela Celita Gualberto * Alec Elis Gualberto Porto
15:30 – 16:00	A LINGUAGEM NAS REDES SOCIAIS NAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS: RELAÇÕES DESARMÔNICAS DAS <i>FAKE NEWS</i>	* João Nunes Avelar Filho
16:00 – 16:30	O EVANGELHO DA ECOEFICIÊNCIA E O (PSEUDO) DISCURSO ECOLÓGICO	* Roseanne V. de Camargo
16:30 – 17:30	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

## 22 DE OUTUBRO DE 2022 (SÁBADO)

8:00 – 9:00: Palestra convidada

- ✓ **Adelaide Chichorro Ferreira (Universidade de Coimbra, Portugal):** *Tentar já é triunfar: O meu percurso na ecolinguística*

9:00 – 9:10 Intervalo (preparação para as sessões de comunicação)

### 9:10 – 11:40 Sessão de comunicações (22/10 – matutino)

Horário	Tema	Participante(s)
9:10 – 9:40	LÉXICO FITONÍMICO DO CERRADO BALSENSE: UM OLHAR ECOLINGUÍSTICO AO ATO DE NOMEAR	* Mayara Caroline Sousa de Abreu * Maria Célia Dias de Castro
9:40 – 10:10	A TOPONÍMIA OFICIAL DE PIRACANJUBA-GO: UMA REANÁLISE À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA	Roberta Rocha Ribeiro
10:10 – 10:40	A COR COMO ELEMENTO ECOLÓGICO PARA MOTIVAÇÃO DE TOPÔNIMOS	* Leênny Texeira de Araújo * Kênia Mara de F. Siqueira
10:40 – 11:40	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

➤ Intervalo para almoço: 12 h – 14 h

### 14:00 – 17:30 Sessão de comunicações (22/10 – vespertino)

Horário	Tema	Participante(s)
14:00 – 14:30	ECOLOGIA DE CONTATO DE LÍNGUAS E A RELEXIFICAÇÃO NO CRIOULO AFROPORTUGUÊS DE CASAMANÇA	* Djiby Mané
14:30 – 15:00	O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM MANAUS: UM ESTUDO DE CASO À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA	* Greicy de Jesus Coelho
15:00 – 15:30	EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CONTRADIÇÕES EXISTENTES NO MEIO RURAL BRASILEIRO: UM OLHAR NA PERSPECTIVA DA ECOLINGUÍSTICA	* Silvia Adriane T. de Moura
15:30 – 16:00	O CALENDÁRIO SOCIOCULTURAL E OS MÚLTIPLOS LETRAMENTOS DO SÍTIO HISTÓRICO E PATRIMÔNIO CULTURAL KALUNGA: UM DIÁLOGO ENTRE OS SABERES ANCESTRAIS E A ECOLINGUÍSTICA FRENTE À IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	* Adão Fernandes da Cunha * Rosineide de Sousa Magalhães

16:00 – 16:30	INTER-RELAÇÕES ENTRE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, BIOLÓGICA E CULTURAL: ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA	* Gilberto Paulino de Araújo * Davi Borges de Albuquerque
16:30 – 17:30	Debate/discussão sobre os trabalhos apresentados	Todos os participantes

✓ **17:30 – 18:00 Sessão de Encerramento**

### 3. RESUMOS

20 DE OUTUBRO DE 2022 (QUINTA-FEIRA)

#### Palestra de Abertura

### HÚMUS: ECO-LINGUAGENS NA ÉPOCA DO COLAPSO

Teresa Moure  
Universidade de Santiago de Compostela (Galiza)

Na nossa época o colapso está a assomar as orelhas: quando a emergência climática tinha conseguido algum protagonismo entre os problemas mais urgentes da humanidade e o peak oil anunciava o fim da carbonização da economia, uma epidemia veio bater no nosso modo de vida. Entretanto, os discursos ecológicos continuavam a multiplicar as suas diferenças: da Ecologia Profunda à Dark Ecology, passando pelas derivas de orientação socialista, anarquista ou feminista, os debates multiplicaram-se nos últimos anos.

Num tal contexto, a sessão que nos ocupa abre-se para uma análise ontológica comprometida com a alteridade e a diversidade. Tentaremos, em primeiro lugar, comparar as distintas aproximações filosóficas vigentes sobre a natureza no relativo aos seus discursos. Em segundo lugar, defenderemos que todas elas remetem para um pequeno problema de natureza linguística, apenas um assunto de tradução. Descartes escreveu “Cogito ergo sum”, e a sua famosa frase foi traduzida como como “Penso logo existo”. Não há qualquer problema nisso, mas cogito também é a raiz latina de cuidado. A nossa sociedade seria diferente se o cogito cartesiano tivesse sido interpretado neste segundo sentido. Cuido logo existo poderia ser a palavra de ordem apropriada para um mundo novo, visto que enuncia a atividade que nos dá maiores satisfações e que mais nos humaniza; também a única realmente (eco)lógica perante a catastrófica situação atual.

Finalmente, enunciaremos o modelo que chamo de Húmus. A partir de uma comparação das gramáticas ocidentais com outras cosmovisões ainda presentes no planeta, tal vez seja possível rebaixar a arrogância do penso e formular o cuidado.

## Comunicações

### **POR UMA GRAMÁTICA ECOSSISTÊMICA DO PORTUGUÊS**

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

Sabemos que a Linguística Ecológica (LE) encara a língua holisticamente, abrangendo tanto questões exoecológicas (questões ambientais, de diversidade de todos os tipos) quanto as endoecológicas (estrutura, gramática), como sugerido pelos seus proponentes iniciais (Peter Finke, Wilhelm Trampe, Hans Strohner) e parcialmente praticado pela Ecolinguística Dialética dinamarquesa, sob a liderança de Jørgen Chr. Bang e Jørgen Døør. A LE já tem dado origem a algumas pesquisas e publicações de natureza exoecológica (exterioridade da linguagem), como o que se faz em seu subramo Análise do Discurso Ecológico (ADE), mas não só. Pois bem, meu objetivo nesta comunicação é expor o início de uma pesquisa endoecológica sobre a gramática do português, com ênfase em sua variante brasileira. Sendo a língua definida como interação linguística, as regras sistêmicas que constituem o que se tem chamado estrutura/gramática são vistas como parte das regras interacionais. Pretendo mostrar o que já se começou a fazer no âmbito das regras sistêmicas fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas, além, é claro, da léxico-semântica. Enfim, a gramática ecológica de uma língua abrange todas as suas manifestações, vendo-as não como variações de um sistema central, mas como expressão de sua imensa diversidade endoecológica. Será dada ênfase a questões nunca, raramente ou pouco tratadas nas gramáticas expositivas e normativas da língua.

### **USOS DE PREPOSIÇÕES POR FALANTES DE ITALIANO COMO LÍNGUA MATERNA NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL**

Stephanie de Carvalho Guerra (UFG/NELIM)  
Elza Kioko N. N do Couto (UFG/NELIM)

Este trabalho está inserido no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao Grupo de Pesquisa/UFG-CNPq “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo” e ao projeto “REDE/Itália — O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é oferecer subsídios para o

ensino de português brasileiro como língua estrangeira nas instituições italianas envolvidas, bem como promover a integração entre os pesquisadores do PPGLL-UFG e as universidades italianas. Considerando a inserção dessa pesquisa neste contexto maior, tem-se como objeto de análise os usos das preposições pelos falantes de italiano como língua materna na aquisição do português brasileiro como língua adicional. Com esses dados em mãos, verificaremos quais preposições foram remanejadas para abranger significados para além dos prototípicos. Tendo em conta que há evidências de que o emprego estatal das preposições constitui uma área de dificuldade para aprendentes de língua estrangeira, propomo-nos a compilar essas particularidades de uso, a fim de sugerir estratégias didáticas que possam auxiliar esses estudantes, tanto no que concerne à compreensão dos critérios sintáticos, quanto no que diz respeito aos aspectos semânticos. Para verificar como as preposições estão sendo mobilizadas, definimos como corpus 50 textos produzidos por alunos nativos de italiano aprendentes de português brasileiro do curso do Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI). A base teórica desta pesquisa será conduzida pela perspectiva da Linguística Ecológica, mormente a Ecologia das Relações Espaciais (ERE), proposta por Couto (2007; 2009; 2010; 2012; 2015; 2018).

### **NÃO ME CHAME DE SACIZEIRO: O SENTIDO DAS PALAVRAS NOS CRIMES DE LINGUAGEM À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA**

Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNEB/GEPL)

Na interação, as palavras assumem sentidos distintos dos matizes semânticos que os dicionários apresentam, uma vez que esse sentido é coconstruído a partir do conhecimento compartilhado entre os sujeitos da interação, ou seja, sentido social (BANG & DØØR, 2016) e a nomeação pela utilidade (FILL, 2019). Baseado nessa afirmação e a partir do substantivo sacizeiro, usado em Salvador (BA) para se referir às pessoas usuárias de crack ou qualquer droga pesada porque, para fumar a pedra de crack, é necessário o uso de cachimbo improvisado, remetendo ao personagem Saci-Pererê, este trabalho visa à análise do sentido que determinadas estruturas linguísticas assumem na consumação dos crimes praticados pelo uso da linguagem, tais como calúnia, difamação e injúria tipificados como crimes contra a honra pelo Código Penal Brasileiro. Esses crimes não causam lesão à vítima apenas no plano mental, mas também no social, pois

maculam a honra da vítima no contexto social. Este trabalho, além da análise dos crimes de linguagem (MAIA, 1929), possibilita ao jurista um diálogo entre a Análise do Discurso Ecológica (COUTO, 2020) e o Direito, sobretudo, o Direito penal, evidenciado, dessa forma, a força da linguagem no estudo do crime, uma vez que a fase cognitiva desencadeia o *iter criminis*.

## **VIVÊNCIAS E DESAFIOS RELATADOS POR *YOUTUBERS* E IMIGRANTES VENEZUELANOS/AS NO BRASIL: UM ESTUDO SOB A LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA**

Erick Samuel Silva Thomas<sup>1</sup> (UFG/CAPES)  
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto<sup>2</sup> (UFG/NELIM)

Este artigo tem como objetivo descrever, analisar e discutir as vivências e desafios enfrentados pelos imigrantes venezuelanos em solo brasileiro, visto que, ao chegarem ao Brasil, esses indivíduos encontram muitas dificuldades, como as diferenças linguísticas e culturais, bem como enfrentam preconceitos, como a xenofobia. Para atingir esse objetivo, foram utilizados depoimentos de imigrantes venezuelanos na plataforma *YouTube*, bem como vídeos e imagens deles em diversas situações de mendicância. Nesses depoimentos, é dada ênfase à Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), sob a ótica da Análise do Discurso Ecológica (ADE), que possui uma Visão Ecológica de Mundo (VEM). Como embasamento teórico, são utilizados principalmente os trabalhos de Couto & Fernandes (2021), Couto (2018; 2020), Couto; Couto & Borges (2015).

**Palavras-chave:** Imigrantes venezuelanos; ADE; EIC; Vivências.

---

<sup>1</sup> Graduado (2020) em Letras - Português / Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [thomaserick98@gmail.com](mailto:thomaserick98@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Associada da Universidade Federal de Goiás. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. E-mail: [elza.couto@ufg.br](mailto:elza.couto@ufg.br)

## O DISCURSO EUCLIDIANO ACERCA DA GUERRA DE CANUDOS: UMA INTERPRETAÇÃO ECOLINGUÍSTICA DE FONTES HISTÓRICAS

Maria Rosileide Bezerra de Carvalho<sup>3</sup>  
Luiz Paulo Almeida Neiva<sup>4</sup>

A reconstrução do passado a partir da interpretação de fontes históricas em suas formações discursivas possibilita desvelar as relações de poder e interesses políticos e econômicos existentes nos discursos oficiais. O presente artigo objetiva caracterizar o processo de formação do discurso euclidiano acerca da Guerra de Canudos, a influência das relações de poder em sua construção, e a repercussão sobre o discurso oficial. Utilizou-se a teoria-metodológica da Análise do Discurso Ecológica, sob o aspecto ecolinguístico, envolvendo os contextos físico, mental e social. Ademais, mobilizou-se a contribuição da Semântica Histórica, neste caso, de acordo com os fatores endo e exoecológico que os contextualizam ao longo do tempo. Para tanto, foram utilizados os aportes teóricos de: Albuquerque (2021, 2020), Alves & Acioli (2021), Couto *et al.* (2021), Couto (2007), Castro & Santos (2016), Cunha (2003, 2000), entre outros. A análise se utiliza, como *corpus* de apoio, excertos da obra *Os sertões*, e das reportagens escritas por Euclides da Cunha. Os resultados apontam para a primazia do discurso oficial, cuja retórica visava promover e manter as relações estratégicas e de poder entre a igreja católica, os donos de terras e os políticos, em detrimento à realidade de resistência à ordem social, política e religiosa imposta aos sertanejos pelas elites locais. Assim, verifica-se, sobretudo, o papel da relação dialógica dos fatores exoecológicos na produção semântica da informação no Brasil.

**Palavras-chave:** Formação discursiva. Análise do discurso ecológica. Discurso euclidiano.

---

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em crítica Cultural (Pós-crítica/UNEB), Bahia (Brasil).

<sup>4</sup> Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em crítica Cultural (Pós-crítica/UNEB), Bahia (Brasil).



## O AGRO É POP, O AGRO-É-TÓXICO: ANÁLISE ECODISCURSIVA DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA O “AGRO É TUDO”

Samuel de Sousa Silva  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Neste trabalho analisaremos as relações ecossistêmicas entre as operações econômicas estabelecidas pelos grandes conglomerados agropecuários e os seus discursos midiáticos veiculados pela fundação Roberto Marinho. O material de análise será a algumas peças publicitárias veiculadas na tv globo com o slogan: “O Agro é Pop, O Agro é Tech, O Agro é Tudo” e suas reverberações por meio de alguns memes veiculados nas redes sociais em que se defende o agronegócio o demonstrando como o responsável por produzir os alimentos que chegam nas mesas do povo brasileiro. Nessa análise procuraremos evidenciar os silenciamentos em relação às operações concretas do agronegócio nas suas campanhas publicitárias, utilizando para esse fim da Análise do discurso de linha francesa por meio dos seus conceitos de dito/não dito e equivoco da língua. E a partir da Análise do discurso ecossistêmica demonstrar a não correspondência das práticas e do modelo estruturante do agronegócio à uma Visão de Mundo Ecológica (VEM), assim como um descompasso entre um discurso publicitário que apresenta o agronegócio como uma atividade sustentável e as suas práticas produtivas voltadas para o mercado de *comodities*.

**Palavras-chave:** Relações Ecossistêmicas. Práticas produtivas ecológicas. Silenciamento discursivo.

## MARIANA E BRUMADINHO: VOZES DE VÍTIMAS E JUSTIÇA NO DESASTRE AMBIENTAL DE MINAS GERAIS

Shirley Maria Batista (*Università degli Studi di Udine – Itália*)

Os estudos sobre as relações entre língua e ecologia levaram a atenção para os efeitos do agir humano sobre os sistemas dos quais a vida depende através da identificação de discursos e visões do mundo incluídos no uso da língua juntamente com seus impactos na biodiversidade. Seguindo essa perspectiva, esse trabalho analisa e trata discursos sobre os desabamentos das barragens de Mariana e Brumadinho, concentrando-se na representação dos eventos e suas consequências do ponto de vista das vítimas. O

objetivo é acessar e analisar a narrativa dos eventos na perspectiva das vítimas, a reapresentação de vítima e a construção de justiça como discurso em três textos distintos: a letra de uma música, uma entrevista e um conjunto de depoimentos de vítimas num boletim oficial. Inspirado e baseado na junção de perspectivas interdisciplinares de Ecolinguística, Ecocrítica e *Partnership Studies*, o referencial de análise baseia-se nos instrumentos metodológicos para a identificação de discursos e debate de *stories* (Stibbe, 2021) e numa Ecosofia fundada nos princípios de cuidado, *partnership*, proteção e justiça (Eisler, 1988; 2018; Eisler & Fry, 2019). Os resultados da análise demonstram que Mariana e Brumadinho são um caso de fracasso e injustiça, uma tragédia e um crime contra a humanidade e a natureza. As identidades de vítima são construídas não só para humanos como também para aspectos abstratos da interação social e modos de viver, assim como para o mundo além do humano; estas estão também conexas a relações de poder existentes na sociedade brasileira. A justiça é construída como um processo institucional e burocrático influenciado por relações hierárquicas e, por tanto, não acessível para as vítimas. Mariana e Brumadinho mudam a retórica do desastre enquanto surgem como histórias de fracasso e desastre humano, denunciam formas de domínio e promovem a humanidade como modo responsável e cuidadoso se estar no mundo.

**Palavras-chave:** Ecolinguística. Mariana. Brumadinho.

## Referências

- Eisler, R. (1988) *The Chalice and the Blade. Our History, Our Future*, San Francisco: HarperCollins. 118.
- Eisler, R. (2018) *Contracting or Expanding Consciousness: Foundations for Partnership and Peace*, in *Interdisciplinary Journal of Partnership Studies*, Volume 5, Issue 3, Article 5, Fall.
- Eisler, R., Fry, D.P. (2019) *Nurturing our Humanity*, New York: Oxford University Press.
- Stibbe, A. (2021) *Ecolinguistics. Language, Ecology and the Stories We Live By*. New York: Routledge.

**OS ESCRITOS PÚBLICOS FRONTEIRIÇOS: UM ESTUDO DA PAISAGEM  
DA FRONTEIRA OIAPOQUE-SAINT-GEORGES A LUZ DA  
ECOLINGUÍSTICA**

Jamille Luiza de Souza Nascimento  
Universidade do Estado do Amapá - UEAP  
Programa de Bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica - PROBICT  
Profa. Dra. Kelly Cristina Nascimento Day  
Universidade do Estado do Amapá - UEAP

O estudo objetiva demonstrar o mapeamento dos escritos públicos presentes no panorama franco-brasileiro resultante da investigação de como e se a paisagem linguística da fronteira expõe as estratégias político-linguísticas que são adotadas pelos falantes das línguas (Português e Francês) em contato e como estas estratégias operam na modulação da ecologia linguística regional. Além da propositura principal, o trabalho visa classificar e categorizar os escritos públicos e criar um cenário ilustrativo das políticas linguísticas *in vitro* e *in vivo* expostas. As análises propostas são fundamentadas nas discussões Ecolinguísticas de Couto (2002-2018), Albuquerque (2020), associadas às proposições sobre Política Linguística de Calvet (1996 -2002), Savedra e Lagares (2012), Spolsky (2016), bem como sobre a constituição do meio ambiente linguístico que reflete suas dinâmicas na Paisagem, através das discussões feitas em Shohamy e Gorter (2009). É um trabalho de cunho quanti-qualitativo e descritivo efetivado a partir da coleta imagética dos usos da língua francesa em estabelecimentos públicos, privados do município de Oiapoque. De modo geral, percebeu-se que a paisagem linguística é por si só uma das estratégias de interação comunicativa ilustrando os usos cotidianos das línguas no município e, que as placas tendem a ser o marco referencial das políticas linguísticas *in vivo*.

**Palavras-Chave:** Ecolinguística. Fronteira franco-brasileira. Política linguística. Ecossistema.

21 DE OUTUBRO DE 2022 (SEXTA-FEIRA)

**Palestra (convidada)**

**OS SENTIDOS DA NATUREZA: IMPLICANDO OS SABERES DECOLONIAIS  
NOS ESTUDOS DISCURSIVOS ECOLINGUÍSTICOS**

Lorena Araújo de Oliveira Borges (UFAL/NELIM-UFG)

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre como os estudos discursivos propostos no seio da Ecolinguística podem se beneficiar do diálogo profundo com os saberes decoloniais. À luz das propostas filosófico teóricas dos estudos ecolinguísticos do discurso (COUTO et al., 2015; STIBBE, 2015; BORGES, 2020; 2021; COUTO; FERNANDES, 2020) e dos estudos decoloniais (QUIJANO, 2000; 2007; BOFF, 2012; ACOSTA, 2016; SANTOS, 2008; 2010; dentre outros), buscamos aventar uma chave interpretativa que considerasse, na explanação social das questões analisadas, os sentidos da Natureza. O ensejo para tal parte da percepção de que a Natureza possui, por si própria, uma força agenciadora, fomentando diferentes sentidos e configurando identidades, ou seja, ela participa ativamente e de maneira não determinística na construção das múltiplas sensibilidades de mundo que a habitam. Entretanto, frequentemente, essa agência é apagada no contexto das sociedades ocidentalizadas, sendo a Natureza entendida como uma posse ou domínio a ser conquistado, domesticado, moldado, etc. Elucidar a retórica que escamoteia essa lógica é, a nosso ver, uma etapa essencial do processo de integração ontológica entre os diferentes domínios que constituem a Natureza, especialmente quando esses domínios são historicamente considerados à parte dela, como ocorre com a cultura e com o indivíduo.

Palavras-chave: Discursos. Natureza. Ecolinguística. Saberes decoloniais.

## **A GEOMORFOLOGIA E A HIDRONÍMIA ECOLINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE: A LÍNGUA E O MEIO AMBIENTE EM DEBATE**

Alexandre António Timbane (UNILAB)

O português é a língua oficial de Moçambique, segundo as Constituições de 1975 e 2004, embora não seja a língua materna da maioria dos moçambicanos, especialmente nas zonas rurais e suburbanas. Os moçambicanos são bantófonos falando cinyanja, cisenga, cinyungwé, cisena, ciwutee, cimanyika, cindau, cibarwe, kiswahili, kimwani, shimakonde, ciyao, emakhuwa, ekoti, elomwé, echuwabo, citshwa, gitonga, cicopi, xirhonga, xiChangana, ciswati, xizulu e a língua de sinais. (Timbane, 2014). Essas línguas foram importantes na atribuição de nomes de rios, montes e outros elementos da geomorfologia de Moçambique. A hidronímia se dedica ao estudo dos cursos da água, lagos, mares e assemelhados (Couto, 2008) e a geomorfologia se dedica ao estudo das formas da superfície terrestre. A presente pesquisa estudar os nomes desses elementos da geomorfologia e sua relação com a cultura e línguas locais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, da qual se conclui que os nomes de montes e rios de Moçambique estabelecem uma intrínseca relação com as línguas do território em que as populações falam essas línguas; A geomorfologia e a hidronímia moçambicana carregam elementos que estabelecem as relações entre a língua, povo e território numa simbiose que marca a identidade dos povos falantes das diferentes línguas bantu.

**Palavras-chave:** Ecolinguística. Montes. Rios. Nome. Língua. Meio ambiente.

## **OS NOMES DO BRASIL: UMA PERSPECTIVA ECOSISTÊMICA**

Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

Cleber Cezar da Silva (PPG-ENEB/IF)

Eduardo de Freitas Siqueira(IF)

As relações entre língua (L), povo (P) e território estabelecidas ao longo do tempo no Brasil, podem oferecer algumas questões que estão na base dos processos de nomeação por que passou o país, desde o período da então colônia recém descoberta aos diversos nomes pelos quais foi ficando conhecida por diferentes povos no século XVI. O objetivo deste estudo é traçar um caminho em que os nomes dados à colônia sejam relacionados com os elementos que lhe deram vazão nominativa. O aporte teórico ancora-se na perspectiva ecossistêmica para análise dos elementos envolvidos na nomeação (seja espontânea ou oficial) no sentido de verificar em que âmbito o ambiente

físico e sociocultural atuou para consolidação de um nome sobre os demais. Para as análises dos topônimos propriamente ditos, percorre-se fazer onomasiológico mediante estudos toponomásticos de Cabrera (2002), Sánchez (2010), Mexias-Simon (s/d), Siqueira (2014), (2015). A metodologia consiste em procedimentos relativos a uma abordagem qualitativa para coleta e descrição dos dados, em consonância com métodos histórico comparativos. Entre nomes espontâneos e oficiais o primeiro “Ilha de Vera Cruz” e os posteriores, podem ser citados Terra Nova, Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz, Terra do Brasil, Brasil.

### **A TOPONÍMIA “HÍBRIDA” DE GOIÁS: TUPI E PORTUGUÊS NA FORMAÇÃO DOS LOCATIVOS GOIANOS**

Ana Maria Pereira Santos (POSLLI/UEG)  
Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

O interesse por descrever os topônimos híbridos de Goiás advém da percepção de que, ao buscar elementos linguísticos do Tupi para nomear os lugares goianos, os primeiros nomeadores do território (T) goiano, revelaram uma intrínseca relação entre o povo (P) e o ambiente recém ocupado, relação essa que está na origem da motivação para dezenas de locativos de Goiás. O objetivo do estudo é então, descrever alguns desses topônimos para refletir sobre a provável impressão que o ambiente causa em P e reconhecer como os mecanismos linguísticos de formação de palavras se encaixam na tradução dessas motivações. Para tanto, pauta-se nos trabalhos de Cabrera (2002), Mexias-Simon (s/d), Pocklington (s/d), Siqueira (2022) e em, Couto (2007), (2015). A metodologia caracteriza-se pela revisão bibliográfica, consulta a documentos e interpretação dos dados sob viés ecossistêmico. Inicialmente, podem ser relacionados os topônimos híbridos (por derivação ou composição) Taquaral, Campinaçu, Nova Crixás para citar alguns.

**Palavras-chave:** Topônimos; Hibridismo; Ecossistema.

## **A INTERAÇÃO FICCIONAL PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: UM ESTUDO DE FÁBULAS**

Mayara Macedo Assis (UFG, PPGLL, NELIM, CNPQ)  
Zilda Dourado Pinheiro (UEG, NELIM)  
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG, NELIM, CNPQ)

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo inicial sobre as interações ficcionais na perspectiva da Análise do Discurso Ecológico (ADE). Para isso, são tecidas algumas considerações acerca da articulação entre ADE e literatura, mais especificamente a narrativa, bem como sobre o que se entende aqui por ficção, partindo-se da noção de mímeses. Os aspectos da interação ficcional são apresentados tendo-se como *corpus* uma fábula de Esopo e duas versões criadas por Monteiro Lobato: “A cigarra e a formiga”, “A formiga boa” e “A formiga má”. Na análise nas fábulas, utiliza-se o método da focalização, no qual se opta por focalizar as interações que ocorrem na narrativa em sua imanência, desconsiderando aqui a produção e recepção das obras. O estudo das fábulas possibilitou a construção de um modelo teórico de análise de narrativas segundo a ADE. Espera-se, com isso, ampliar as possibilidades de estudo de narrativas utilizando-se como arcabouço teórico os pressupostos da ADE.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Ecológico. Interação ficcional. Fábula.

## **“O MESSIAS É O ESCOLHIDO!”: UM PANORAMA DO ECOSSISTEMA ESPIRITUAL BRASILEIRO EM MEIO ÀS ELEIÇÕES**

Genis Frederico Schmaltz Neto (Nelim / GEPL / UniFANAP)

Esta comunicação discute como os atos religiosos – conceito que designa ações específicas de membros de comunidades de fala voltadas à interação com o desconhecido – têm sido utilizados para fundamentar um discurso religioso em prol de um dos candidatos à presidente da república federativa do Brasil. A partir dos estudos de Piazza (1976) sobre a estruturação das religiões, o conceito de ecossistema espiritual de Schmaltz (2018) e a noção de formação discursiva de Foucault (1969), elege-se quatro interações religiosas em redes sociais que evidenciam um novo padrão para a ecologia da interação comunicativa religiosa brasileira e sugerem um rumo autodestrutivo para as religiões enquanto comunidades de fala.

**Palavras-chave:** Ecossistema espiritual. Comunidade de fala. Discurso religioso.

**LÍNGUA DE SINAIS, LINGUAGEM E ECOLINGUÍSTICA:  
REFLEXÕES EXOECOLÓGICAS E ENDOECOLÓGICAS SOBRE  
VISOGRAFIA**

Elisangela Celita GUALBERTO<sup>5</sup> (UEG - GO)  
Alec Elis Gualberto PORTO<sup>6</sup> (UEG-GO)

Este trabalho apresenta um estudo desenvolvido pelos autores supramencionados sobre os conceitos de visografia da Libras como representação dos parâmetros da Língua de Sinais (LS), segundo as concepções de língua e linguagem tanto como fenômeno de exterioridade da linguagem (exoecologia) quanto dos fenômenos estruturais (endoecologia) e sua integralidade, ao considerar a população de organismos, o meio ou território, as interações entre organismo/mundo e organismo/organismo para desenvolver sua linguagem tanto na grafia quanto na leitura da língua de sinais. As interações comunicativas da língua de sinais com foco na ecolinguística são objeto de estudo e a metodologia é a pesquisa exploratória de caráter bibliográfico. O objetivo é refletir o potencial da ecolinguística como suporte teórico para a língua de sinais e reduzir a complexidade e as dicotomias existentes entre os modelos tradicionais de considerar a língua e sua gramática e destacar a eficácia comunicativa da língua plena da comunidade surda ou das interações dos surdos com membros da família ao usar sinais domésticos. Ao considerar a visografia como uma nova e recente proposta de escrita da língua de sinais, analisamos a viabilidade da escrita e leitura à vista da teoria de Benassi, Duarte e Padilha (2016) na demonstração das potencialidades dos registros e a viabilidade da descodificação pelo número reduzido de caracteres essenciais para registrar graficamente a visualidade da língua de sinais. Ao realizar os estudos bibliográficos, a intersecção entre ecolinguística e visografia despertou a curiosidade epistemológica acerca do meio ambiente linguístico por enfatizar a linguagem analisada sempre em contextos de interações comunicativas frente à gramática e as regras interacionais sistêmicas como parte da língua e da linguagem entre os interlocutores, com destaque para o caráter holístico na constituição de um grupo de pessoas ou população no ato comunicativo. Ao destacar a ecolinguística como o estudo das relações entre língua e meio ambiente, Couto (2018) nos serviu de referência por

---

<sup>5</sup>Elisangela Celita Gualberto. Docente de Ensino Superior. Professora Formadora da Disciplina Língua Brasileira de Sinais. Universidade Estadual de Goiás – Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede. E-mail: [elisangela.celita@hotmail.com](mailto:elisangela.celita@hotmail.com)

<sup>6</sup> Alec Elis Gualberto Porto. Discente do Curso de Cinema e Audiovisual. Universidade Estadual de Goiás – Instituto Acadêmico de Ciências Sociais Aplicadas. E-mail: [alecelis.pop@gmail.com](mailto:alecelis.pop@gmail.com)



evidenciar o conjunto de regras interacionais e regras sistêmicas tanto na língua como na linguagem na análise da comunidade de fala paralela ao ecossistema biológico. As reflexões exoecológicas e endoecológicas sobre visografia da língua de sinais, linguagem e ecolinguística aqui apresentadas são preliminares e não se constituem como resultados acabados. Tem a pretensão de propagar o conhecimento entre estudiosos e pesquisadores da língua de sinais, abertas a valorações que possam contribuir com a comunidade surda e para o crescimento da temática no meio acadêmico, e multiplicá-lo na sociedade tornando acessível o conhecimento.

**Palavras-chave:** Língua de sinais. Ecolinguística. Visografia.

### **A LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS NAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS: RELAÇÕES DESARMÔNICAS DAS FAKE NEWS**

Prof. Dr. Avelar Filho, J. N.  
UEG – Universidade Estadual de Goiás

A despeito das fake news estarem mais diretamente relacionadas à ecologia social faz-se necessário ressaltar que para a ecolinguística não existe um ecossistema mais importante que o outro, pois todos estão de certa forma interligados. Desse modo, as fake news, especificamente as que tratam das formas de linguagem verbal distorcidas, afetam o sistema como um todo, causando resultados catastróficos aos ecossistemas natural, social ou mental de uma sociedade. Estabelece-se aqui o conceito de holismo da ecologia integral da língua. Sendo assim, os agentes envolvidos nessas interações espúrias estão em desarmonia, todos de certa forma afetados e ao mesmo tempo afetando o meio, seja ele natural, social ou mental. Esta não tão nova forma de notícia fraudulenta pode causar danos irreversíveis para uma coletividade. Esta breve abordagem pretende percorrer os caminhos do atual processo eleitoral brasileiro para causar uma reflexão crítica sobre o assunto em pauta utilizando a análise do discurso ecossistêmica (ADE) praticada pelo GEPLÉ (grupo de estudos e pesquisas em linguística ecossistêmica).

**Palavras-chave:** Fake news. Linguística ecossistêmica. Interações verbais.

## **O EVANGELHO DA ECOEFICIÊNCIA E O (PSEUDO) DISCURSO ECOLÓGICO**

Roseanne V. de Camargo (PPGCiamb/UFT)

O presente trabalho discute como os discursos ambientais materializados em propagandas ou campanhas divulgadas por grandes empresas (nacionais /internacionais) nem sempre (ou na maioria das vezes) não se efetivam nas ações ou práxis do ponto de vista da sustentabilidade ecológica. A contradição permanece ao observarmos o que Martínez-Alier (2007) denomina de “evangelho da ecoeficiência”, compreendido pelo autor como uma espécie de “nova roupagem” para atender os interesses econômicos do capital. Sob outra perspectiva, temos a Análise do Discurso Ecológica que tem como foco "a defesa da vida", isto é, a sustentabilidade ecológica acima da questão econômica (COUTO, 2016). A metodologia empregada no trabalho é a pesquisa bibliográfica a partir do levantamento de estudos que tratam da temática em questão. A partir da seleção e sistematização de informações coletadas, são apresentados exemplos dos impactos causados pelo modelo político-econômico que se baseia na superexploração dos ecossistemas.

**Palavras-chave:** Evangelho da ecoeficiência. Discurso ecológico. Sustentabilidade.

22 DE OUTUBRO DE 2022 (SÁBADO)

### **Palestra convidada**

#### **TENTAR JÁ É TRIUNFAR: O MEU PERCURSO NA ECOLINGUÍSTICA RESUMO DA MINHA PALESTRA PARA A ECOLINGUÍSTICA BRASILEIRA**

Adelaide Chichorro Ferreira  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - [adelaide@fl.uc.pt](mailto:adelaide@fl.uc.pt)

Aquilo que me proponho fazer é dar conta do meu percurso de ecolinguista num país como Portugal, explicitando todas as aprendizagens mais relevantes, sem descartar alguns insucessos que me fizeram igualmente aprender. Seguirei uma linha cronológica na discussão dos assuntos, tal como ela se manifesta no meu curriculum, que envio em anexo. Tentarei igualmente dar conta das minhas reflexões acerca do evoluir recente da ecolinguística, traçando algumas linhas programáticas para o futuro. Poderia resumir-se o meu contributo da seguinte forma: o que foi para mim mais relevante em ecolinguística? De que forma isso impactou a minha vida? Como podemos e devemos trabalhar no futuro?

## Comunicações

### LÉXICO FITONÍMICO DO CERRADO BALSENSE: UM OLHAR ECOLINGUÍSTICO AO ATO DE NOMEAR

Mayara Caroline Sousa de Abreu<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) – Campus Balsas

A planta é um dos elementos da natureza com que primeiro estabelecemos contato, e o reino vegetal ocupa um lugar de destaque entre as representações que inspiram símbolos verbais (BERTRÁN, 2014). O ato de nomear estas plantas lança luz a aspectos que denotam a relação intrínseca entre língua e meio ambiente, bem como o modo com que o ser humano interage com este ambiente ao qual pertence. Com um olhar ecolinguístico ao léxico fitonímico, este trabalho objetiva demonstrar as relações entre língua e meio ambiente que se refletem nos nomes das plantas predominantes do Cerrado balsense, sobretudo no ato de nomeá-las. Analisando alguns desses nomes presentes no Cerrado de Balsas (MA), nota-se que o processo de denominação (lexicalização), pelo uso lexical de fitônimos, tem o aspecto sensorial e cognitivo como fontes principais. Desta maneira, verifica-se que há uma tendência conceptual metafórica/metonímica no ato de nomeação destas plantas. Também se percebe que a condição que liga planta e nomeador ainda se pauta em relações de uso, denotando uma forte tendência antropocêntrica. O estudo se apoia na teoria Ecolinguística (HAUGEN, 1972; DØØR e BANG, 1996; COUTO, 2007, 2013, 2016) a fim de explicar as relações entre língua e meio ambiente presentes nesse léxico; na Semântica (LAKOFF & JHONSSON (2002 [1980])); N. DO COUTO, 2012; ARAÚJO, 2014), no que se refere ao fenômeno linguístico gerador desta fitonímia e na Etnobotânica (AMOROZO, 1996) a fim de refletir sobre o conhecimento popular acerca das espécies elencadas. A pesquisa possui abordagem qualitativa e ecometodológica e o corpus é composto por nomes de plantas (fitônimos) representativas do Cerrado balsense, com base no conhecimento etnobotânico de alunos e alunas de uma escola da rede municipal. O trabalho resulta de algo maior que é a pesquisa de extensão universitária intitulada *Léxico Fitonímico no âmbito do Projeto “Laudato Si” de reflorestamento do Cerrado do Município de Balsas*, uma prática pedagógica de caráter interdisciplinar que contribuiu com o reflorestamento local por meio do plantio de mudas nativas do Cerrado e também contribuiu com a confecção da monografia da autora e responsável

pela execução do projeto, realizado no primeiro semestre de 2022. Por fim, os dados mostram que as motivações léxicas que subjazem as denominações fitonímicas são acionadas através dos afetos gerados pelo homem na interação com o meio ambiente, perpassando o domínio natural, mental e social, que revela as relações ecossistêmicas. Além disso, a análise etnobotânica também revela relações ecossistêmicas, foi percebido que o conhecimento popular sobre estas plantas passam de geração em geração no processo de reciclagem.

**Palavras-chave:** Léxico. Ecolinguística. Meio Ambiente.

## Referências

AMOROZO, M. C. M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais.** Plantas medicinais: arte e ciência um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.

ARAÚJO, G. P. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga:** uma relação entre língua e meio ambiente. 2014. Tese (Doutorado) – Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BERTRÁN, Antonio Pamies. **Provérbios fitonímicos e plantas proverbiais.** In: S. Silva (ed.) Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos, vol II. Campinas, 2014.

COUTO, E. K. N. N. **Ecolinguística e imaginário.** Brasília: Thesaurus, 2012.

COUTO. Hildo H. do. **Ecolinguística:** estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, H. H. et al. **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem:** ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

DØØR, Jørgen; BANG, Jørgen C. Ecology, Ethics & Communication an essay in ecolinguistics. 2000. Disponível em: <[www.jcbang.dk/.../EEC\\_Graz\\_011200\\_red.pdf](http://www.jcbang.dk/.../EEC_Graz_011200_red.pdf)>. Acesso em 08 de junho de 2022.

NENOKI DO COUTO, E. N. **Ecolinguística e Imaginário.** Brasília: Thesaurus, 2012.

## A TOPONÍMIA OFICIAL DE PIRACANJUBA-GO: UMA REANÁLISE À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA

Roberta Rocha Ribeiro (UFG/SOLEDUC/GEPL)

Este trabalho tem como mote revisitar, reanalisar e discutir, com o acréscimo da Ecolinguística (COUTO, 2007, ARAÚJO, 2014), dados da toponímia oficial de Piracanjuba - GO referentes aos nomes das ruas da cidade que arrolamos na década de 2000 (CASSEB-GALVÃO; RIBEIRO, 2008). Inicialmente, apresentaremos o contexto de pesquisa, o trabalho de campo e a metodologia qualitativa de geração dos dados. Na sequência, explicitaremos a noção de toponímia e o recorte da Ecolinguística utilizado

na reanálise proposta. Por fim, mostraremos os dados e a contribuição da Ecolinguística na discussão em tela – especialmente no tocante às relações entre língua, povo, território e questões sociais.

**Palavras-chave:** Toponímia. Piracanjuba - GO. Ecolinguística.

## **A COR COMO ELEMENTO ECOLÓGICO PARA MOTIVAÇÃO DE TOPÔNIMOS**

Leênny Texeira de Araújo (POSLLI/UEG)  
Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG)

Considera-se para esta pesquisa, de acordo com Couto (2007), o conceito de língua (L): a maneira ou as formas como os membros de povo (P) se interagem no território (T) onde convivem. Este estudo tem seu foco em T, mais especificamente nos nomes de T. O recorte aqui colimado são os cromotopônimos, nomes de lugares com nomes de cor, de Goiás. O estudo se fundamenta nos pressupostos teóricos ecossistêmicos para reconhecer as relações entre os cromotopônimos e o ambiente que motivou a percepção mental da cor manifestada pela L. Para questões toponomásticas (ramo da onomástica), pauta-se em Cabrera (2002), Mexias-Simon (s/d), Pocklington (s/d), Siqueira (2022), Dick (1990). A metodologia constitui-se de revisão bibliográfica, leitura e interpretação de dados inter-relacionando-os à percepção da cor por meio de elementos do ambiente. Pode-se indicar, inicialmente, os topônimos Rio Vermelho (principalmente na poética coralínea), Ouro Verde de Goiás e Serra Dourada.

**Palavras-chave:** Cromotopônimos. Toponomástica. Língua.

## **ECOLOGIA DE CONTATO DE LÍNGUAS E A RELEXIFICAÇÃO NO CRIOULO AFROPORTUGUÊS DE CASAMANÇA**

Djiby Mané (UnB/FUP/ LedoC)

Surgido do contato entre portugueses e africanos na costa ocidental africana, o crioulo casamancês é tradicionalmente falado em Ziguinchor, região sul do Senegal. Sincronicamente, permanece esse contato por razões fronteiriças e/ou migratórias com a Guiné Bissau, sem contar o contato interno com o francês e wolof. Devido a esses contatos diacrônico e sincrônico, o crioulo casamancês sofre a relexificação, processo pelo qual uma língua muda seu léxico sem alterar drasticamente a gramática da língua relexificada. Assim, esta comunicação analisa a relexificação no crioulo afroportuguês

de Casamança para averiguar a influência das línguas com as quais convive diariamente. A metodologia adotada nesse trabalho é qualitativa de caráter exploratório, baseando-se na análise dos livros de Rougé (2004) e Nunez (2015). Quanto à base teórica, recorreremos principalmente a Biagui (2012), Calvet (2004), Couto (2002, 2007, 2013, 2016), Thomason (2001), Mufwene (2008), Khim (1980) e Lefebvre (1997). A análise de 60 palavras tiradas de Rougé (2004) e Nunez (2015) mostrou que houve relexificação com o uso de 46,66% do léxico mandinga, 31,66% do wolof, 10% do balanta, 6,66% do francês e 5% do manjaca. Por meio da frequência de ocorrência do léxico dessas línguas, a análise mostrou que o mandinga (46,66%), principal substrato do crioulo casamancês, é a língua que mais relexifica, seguido do wolof, língua nacional mais falada no país, com 31,66.

**Palavras-chave:** Contato. Crioulo. Relexificação.

## **O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM MANAUS: UM ESTUDO DE CASO À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA**

Greicy de Jesus COELHO (UFAM/PPGL/AM)

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa direcionada à Educação do Campo nas escolas de Manaus em sua realidade ecolinguística. Os objetivos específicos foram avaliar as experiências individuais dos participantes, refletindo sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no contexto da Educação do Campo, valorizando a linguagem territorial; averiguar de que maneira as Diretrizes que orientam a Educação do Campo em Manaus (MANAUS, 2017a) concernente à Língua Portuguesa são praticadas em sala de aula e identificar as possibilidades de desenvolvimento e fortalecimento do ensino-aprendizagem à luz da Ecolinguística, levando em consideração a perspectiva dos professores. O aporte teórico referente à Educação do Campo foi baseado em Arroyo (2010) e Caldart (2004a; 2004b); a Ecolinguística, fundamentada em Couto (2007 apud HAUGEN, 1972) e Sapir (1969); a Formação de professores, baseada em Borges (2014); as Diretrizes que norteiam a Educação do Campo em Manaus foram ancoradas na Resolução CNE/CEB (BRASIL, 2002) e no Plano Estadual de Educação do Amazonas PEE/AM - 2008-2018 (AMAZONAS, 2008). Esta pesquisa foi baseada no paradigma qualitativo de cunho etnográfico (BORTONI-RICARDO, 2008; PROETTI 2005), utilizando o estudo de

caso (ANDRÉ, 2005; NISBET; WATT, 1978) como referencial metodológico. Os contextos de realização da pesquisa foram duas escolas na zona rural do município de Manaus, tendo como participantes quatro professores do componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I e II. Os instrumentos de geração de dados selecionados foram questionários, entrevista e observação em sala de aula. Os resultados apontaram que o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa encontra questões a serem solucionadas para que se efetive o proposto nas leis e parâmetros educacionais para o contexto da educação do campo, pois as políticas públicas não contemplam efetivamente essa realidade de ensino. Evidenciaram-se dificuldades nas práticas de ensino de Língua Portuguesa que estejam de acordo com a realidade rural por falta de formação adequada dos professores, de estratégias e projetos que respeitem as particularidades locais, além do material didático que só contempla a educação urbana, e não reconhece a realidade rural.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Educação do Campo em Manaus. Ecolinguística.

### **EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS CONTRADIÇÕES EXISTENTES NO MEIO RURAL BRASILEIRO: UM OLHAR NA PERSPECTIVA DA ECOLINGUÍSTICA**

Silvia Adriane T. de Moura (UFT/GEPEC)

Esse diálogo, ocupa-se em compreender a Educação do Campo e a formação de educadores no contexto das contradições existentes no meio rural brasileiro, mediado por nossas bases teóricas e à luz dos princípios e fundamentos da ecolinguística (COUTO, 2007). Mais que uma mudança de nomenclatura, ou seja, de *Educação Rural* para *Educação do Campo*, sua concepção é assumida pelo Movimento Nacional Por uma Educação do Campo, como aquela voltada aos interesses das populações que residem, vivem e sobrevivem *do e no* campo e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que nele habitam, labutam e trabalham, atendendo às diferenças históricas e culturais para que, com dignidade e coletividade, possam resistir contra a exploração e a expropriação territorial e cultural (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999). Mesmo sendo o Brasil um país historicamente caracterizado em suas origens como eminentemente agrário, ao deslocarmos nosso olhar para o campo em uma posição contra-hegemônica ao agronegócio e em defesa da agricultura camponesa, percebemos um consenso entre os militantes, estudiosos, pesquisadores e intelectuais orgânicos

(VENDRAMINI, 1992; HAGE, 2017; MOLINA, 2006; 2011; MUNARIM, 2009; SOUZA; 2016), de que a educação destinada aos sujeitos do campo, não se constituiu como uma prioridade. Assim, passamos a nos defrontar com contradições existentes no meio rural brasileiro como parte da totalidade nacional, advindas, sobretudo, das intensas transformações ocorridas no campo e desencadeadas, em grande parte, em função das mudanças na lógica de acumulação de capital neste território, que tanto provocam quanto acirram a hierarquização entre campo e cidade, desconsiderando sua inexorável vinculação local-global em suas inter-relações, o que Molina (2009) denomina por “*dicotomia inventada*” (MOLINA, 2009, p.15). Acreditamos que a compreensão dos elementos constitutivos da luta camponesa por educação, terra, território, trabalho e família, contribui para o enfrentamento político, ideológico e social, pois, tais elementos são de extremo interesse do capital, o qual intenta marginalizar a luta social dos movimentos sociais do campo, seguindo então a lógica e a natureza do próprio capital.

**Palavras-chaves:** Educação do Campo. Meio Rural. Capital. Contradição. Agricultura Camponesa.

## **O CALENDÁRIO SOCIOCULTURAL E OS MÚLTIPLOS LETRAMENTOS DO SÍTIO HISTÓRICO E PATRIMÔNIO CULTURAL KALUNGA: UM DIÁLOGO ENTRE OS SABERES ANCESTRAIS E A ECOLINGUÍSTICA FRENTE À IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

Adão Fernandes da Cunha (PPGL - UnB)

Rosineide de Sousa Magalhães (PPGL - UnB/LedoC/SOLEDUC)

Esta pesquisa busca a proposição de um Calendário Sociocultural para apoio e fortalecimento na implementação de políticas públicas educacionais direcionadas a contextos específicos. Também servirá de consulta ao trabalho de formação continuada de educadores *do e no* campo. A metodologia desta pesquisa trilhará no âmbito do trabalho qualitativo e etnográfico baseado em Bortoni-Ricardo (2008), também em Gil (2010), entre outros. Os procedimentos dessa etnografia que se constitui entre outros, na utilização de anotações mediante trabalho de campo, uso de gravador de voz em entrevistas com questões semiestruturadas, observação participante e registros fotográficos. Também recorreremos à Pesquisa-Ação, entendida aqui, como uma



construção coletiva de projetos que prescrevem os novos caminhos da luta e da (re)construção da sociedade onde o sujeito pesquisador é também parte do pesquisado e atua como agente ativo de transformação no seio de uma comunidade. Para tratar de tais questões será necessário nos apoiarmos teoricamente em autores como Romão (2005) – *História da Educação do Negro e Outras Histórias*; Bernardo e Melo (2005), que traz, à luz de uma experiência, a questão *O fio da meada: de onde vem a mudança?*. Já Munanga (2005) apresenta as questões da *Superação do Racismo na Escola*. Em Brian V. Street (2014), temos os *Letramentos Sociais*; e em Couto (2007) a *Ecolinguística*. Espera-se que este Calendário Sociocultural possa subsidiar na reconstrução do calendário escolar do SHPCK e fomentar uma nova proposta de pedagogia bem como a valorização dos saberes tradicionais no seio educacional.

**Palavras-chave:** Calendário. Cultura. Educação. Identidade.

### **INTER-RELAÇÕES ENTRE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, BIOLÓGICA E CULTURAL: ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA**

Gilberto Paulino de Araújo  
(UFT/GEPL/NE LIM/SOLEDUC/Etnobiologia e Patrimônio Biocultural)  
Davi Borges de Albuquerque  
(GEPL/Pós-Doutorado em andamento na UERJ)

De acordo com o Relatório Anual do Desmatamento (MAPBIOMAS, 2020), houve um crescimento do desmatamento de 13,6% em 2020, atingindo 13.853 km<sup>2</sup> (1.385.300 hectares), sendo que cerca dessa área total, 61% estão na Amazônia. Nesse sentido, além dos impactos causados à biodiversidade, o desmatamento tem causado danos às comunidades tradicionais. Tais alterações prejudicam a vida dos povos tradicionais, exigindo novos modos de adaptação uma vez que estas comunidades possuem maneiras distintas de interagir, conhecer e agir sobre o local em que vivem. Assim, podemos também afirmar que a diversidade linguística é afetada seja externa, seja internamente, pois a linguodiversidade está diretamente ligada à biodiversidade. Como diversidade linguística externa compreendemos o número de ‘espécies linguísticas’, ou seja, de línguas e/ou variedades, fenômeno já estudado e que está relacionado à presença de diversidade biológica (LAYCOCK, 2001; MAFFI, 2007), enquanto entendemos diversidade linguística interna como as formas de interação comunicativa específicas de comunidade de fala, as quais sofrem perdas significativas quando ocorrem danos ao

ecossistema natural local, conforme pesquisado por Mühlhäusler (1996). Por meio da pesquisa bibliográfica, discutimos os conceitos de biodiversidade e sua relação com a linguodiversidade no âmbito da Ecolinguística (Linguística Ecológica), de acordo com o que já foi apontado, bem como destacamos alguns exemplos de comunidades locais brasileiras afetadas.

**Palavras-chave:** Linguística Ecológica. Biodiversidade. Diversidade linguística e cultural.